

Boecio lê Agostinho: o exercício da memória

Sílvia Maria de Contaldo

Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Brasil

Abstract

In the Book X of Confessions, Agostin describe places of memory, places of storage of knowledge, life experiences and incompleteness. But also a place of conservation of the liberal arts; an encyclopedia of knowledge. Revisiting this encyclopedia, Boecio can count with a virtual collection, in a way that his *De Philosophiae Consolatione* can express the learnings and pedagogical prescriptions of Agostin, in the sense of ascending, dialectically, to the happy life.

Namely to a life of philosophical wisdom in which new knowledge translates into life actions. Without this spiritual guidelines, Boecio would probably not have taught us the lesson that memory is a alive source, permanently at our disposal, without which we would be left clueless in this long spiritual journey called life.

keywords

Agostin - Boecio - Memory - Happiness.

Resumo

No Livro X de *Confissões*, Agostinho descreve lugares e entrelugares da memória, locais de armazenamento de saberes, vivências e incompletudes. Mas também local no qual se conservam as artes liberais, uma enciclopédia do saber. Revisitando essa enciclopédia, na prisão em Pavia, Boecio poderá contar com um acervo 'virtual', de tal modo que sua *De Philosophiae Consolatione* expressará os ensinamentos e prescrições didático-pedagógicos de Agostinho, no sentido de ascender, dialeticamente, à vida feliz. Quer dizer, à vida vivida com sabedoria filosófica na qual o conhecimento adquirido traduz-se em prática vivida. Sem essas diretrizes espirituais, revistas no exercício da memória, Boecio provavelmente não poderia ter nos legado o ensinamento de que a memória é fonte viva, permanentemente à nossa disposição, sem a qual ficaríamos à deriva nesse longo exercício espiritual que é viver.

Palavras-Chave

Agostinho - Boecio - memória - felicidade.

Recepción de artículo: 13-8-2015

Aceptación de artículo: 6-10-2015

Como todos sabemos e não custa repetir a obra *De Philosophiae Consolatione* foi escrita na prisão, em Pavia, enquanto Boécio aguardava a execução da pena capital que lhe fora imposta. Julgamento injusto que lhe valeu ser chamado de um ‘Sócrates da Antiguidade tardia’¹.

A obra, escrita em prosa e verso, é composta por cinco livros, nos quais Boécio põe em relevo os temas do bem e do mal, do justo e do injusto, das virtudes e dos vícios sob o jugo da Fortuna para, à luz do acervo mnemônico, retomar a si mesmo num exercício terapêutico que a Filosofia, sua interlocutora, lhe propõe. Para esse trabalho, tratar-se à especialmente do Livro II. Antes, porém, vale sublinhar a descrição que M. Fumaroli faz da figura de Boécio no Prefácio à *De Philosophiae Consolatione*:

como todos os antigos letrados, Boécio tinha à sua disposição na memória, treinada desde a infância, os textos clássicos. Aprender a ler era, ao mesmo tempo, ‘aprender’ o texto lido, fixá-lo no espírito, abrigá-lo num compartimento da memória organizada e aumentada gradualmente, como uma vasta biblioteca invisível mas não silenciosa: os textos lidos e aprendidos em voz alta podiam ser evocados em voz alta ou por uma voz interior que conseguia, à sua vontade, repeti-los, compará-los, meditá-los.²

É nessa moldura que vemos em Boécio um leitor de Agostinho. No seu diálogo *De Ordine*³ Agostinho propusera um programa de estudos, por sinal atualíssimo, em que o aprendiz não era visto como um receptáculo a ser preenchido e sim como um indivíduo que, pela sua capacidade e disposição para aprender, poderia progredir pouco a pouco, e assim por em prática os saberes aprendidos. Ao invés de fechar-se nos objetos específicos de cada uma das disciplinas, seguiria-se processual e reflexivamente, visando o aperfeiçoamento de si, para viver com sabedoria e felicidade. Esse movimento do aprender liga-se diretamente aos ‘palácios da memória’, lá onde estão “também todas aquelas coisas [coisas] que, tomadas das artes liberais, ainda não se perderam, como que escondidas num lugar interior, que não é lugar; [...] Pois quando as aprendi, não dei crédito ao coração de outra pessoa, mas reconheci-as no meu, e admiti que eram verdadeiras

¹ Fumaroli 1998, VIII.

² Fumaroli 1998, XXI.

³ *De Ordine* foi escrito em Cassiciaco e integra o conjunto dos chamados diálogos filosóficos: *Contra Academicos* e *De Beata Vita*. A sua composição dá-se num curto período de tempo, compreendido entre a madrugada do dia 20 até o anoitecer do dia 25, em novembro de 386. Os personagens, por sua vez, têm perfis diferenciados, o que contribui para o debate marcado muito mais pela dialogicidade do que pela polêmica em torno da questão central: como compatibilizar a Providência Divina, ordem superior, com as vicissitudes humanas e seus desatinos.

e confei-lhas, como que depositando-as onde pudesse ir buscá-las quando quisesse⁴. Na solidão da sua cela Boécio pode passear igualmente pelos aposentos da sua memória e de lá extrair os recursos necessários para empreender uma longa e complexa conversa com a Filosofia e, ao mesmo tempo, compreender pela via da razão, as vicissitudes da vida e o escopo dessa existência efêmera e fugaz.

Interessante notar a observação de Marc Fumaroli: Bóecio

joga com os dois sentidos da palavra memória: um passivo, associado à metáfora do receptáculo; outro ativo, associado à metáfora da viagem e mesmo da volta da alma a seu lugar natal⁵.

Segundo o prefaciador a Filosofia teria recriminado seu discípulo por ter deixado seu ensinamento cair na memória-receptáculo e por isso mesmo seria preciso despertá-lo – ou à sua memória/viagem? – para, mais uma vez, nesse caso a última, dar asas ao seu pensamento. Vale dizer, fazer o pensamento progredir espiritualmente, subir aos céus, deixando para trás tristezas e dores, mais da alma que do corpo que, diga-se de passagem, sofria torturas físicas repugnantes.

Claro, não se trata de opor “tipos” de memórias. Não teríamos mais uma que outra, visto ser a memória ‘um santuário amplo e sem limites’⁶.

O que ocorreu a Boécio, e frequentemente também acontece conosco é que deixamos valiosos aprendizados na memória-receptáculo, como se estivessem destinados ao porão do esquecimento. De forma semelhante ao programa educativo proposto por Agostinho, Boécio precisará revisitar esse baú para, a partir de lá, “viajar”. Para onde? Para dentro de si mesmo, interperando-se graças à ação terapêutica da Filosofia. O progresso paulatino que percebemos, ao longo do diálogo estabelecido entre ele e a mulher de estatura indefinível⁷, ao tratar de temas tão caros à filosofia, pode nos dar a dimensão do seu status de leitor de Agostinho e conhecedor do acervo filosófico dos Antigos. Reconhecendo sua antiga nutriz⁸ – a Filosofia e, pelo tom de suas admoestações, não restará a Boécio outro caminho a não ser buscar o que estava latente em sua memória para refazer-se. Por exemplo, quando a Filosofia lhe diz: ‘Por que choras? Onde vêm essas lágrimas? Fala francamente e do fundo de tua

⁴ Agostinho 1998, X, IX, 16-X, p. 17.

⁵ Fumaroli 1998, XXII.

⁶ Agostinho 1998, X, VIII, p. 14: ‘Magna ista uis est memoriae, magna nimis, deus meus, penetrabile amplum et infinitum.’

⁷ Boécio 1998, I, 2.

⁸ Boécio 1998, I, 6.

alma. Se esperas a cura do médico, debes mostrar-lhe a doença⁹.

Boecio não economizou na exposição de seus infortúnios. Lembrou dos fatos, recordou os litígios dos cônsules romanos, as corrupções e conjurações no âmbito da política senatorial, expôs suas mágoas, não sem fundamentar-se na sua enciclopédia interior. As vozes de Sócrates, de Platão, dos estóicos estão presentes na sua fala inicial, ao longo do Livro I. Presente também a premissa agostiniana acerca da ordem, em versos, e essa construção é ainda mais genial, para expressar a condição irrevogável da prevalência da justiça divina frente aos lances da Fortuna:

Deus distingue as estações
E as torna aptas a uma coisa
E não permite nenhum entrave
A uma alternância que Ele ordenou.
Dessa forma, o que por precipitação
Desdenhou a ordem estabelecida
Nunca pode ser bem-sucedido.¹⁰

Como é peculiar à reflexão filosófica, o pensamento procede por pausas e assim vai ampliando seu horizonte reflexivo. No Livro II a Filosofia diz a Boecio que irá lhe aplicar “remédios mais fortes” e para isso deve prepará-lo previamente com a Retórica e com a Música, medicamentos “mais doces e suaves”. Devidamente “medicado”, a Filosofia passou a descrever e a definir a natureza da Fortuna. Difícil dizer nessa obra – *De Philosophiae Consolatione* – qual a página mais bonita. Mas, sem dúvida, a abertura do Livro II é inigualável. Remonta ao tema clássico da natureza da Felicidade e de como somos cegados pela Fortuna e, de certa forma, deixando-nos enganar pelos seus jogos. Sob a perspectiva de Agostinho, compara a sabedoria à vida feliz. Submetidos aos caprichos da Fortuna, perdemos a direção da nossa própria vida. Deixamos de ser. Não vivemos. Somos vividos:

Se confiasses teu barco ao sabor dos ventos, não navegarias para a direção desejada, mas para onde eles te levassem; se jogasse tuas sementes nos campos, haveria a alternância entre os anos bons e ruins. Tu te abandonaste ao domínio da Fortuna: debes submeter-te aos caprichos de tua mestra¹¹.

No *De Beata Vita*, Agostinho descrevera, no preâmbulo, três tipos de navegantes e valeu-se da dessa metáfora para indicar melhor rumo ao porto da Sabedoria, naquela obra entendida como a vida feliz. Nem todos conseguem chegar até lá, embora tentem. Tal como Boecio, Agostinho muitas vezes, viu-se naufragar:

⁹ Boecio 1998, I, 8.

¹⁰ Boecio 1998, I, 11.

¹¹ Boecio 1998, II, 1.

Vês então em que filosofia navego, como que num porto. Mas também esse se mostra bastante amplo, e sua magnitude, muito embora menos perigosa, não exclui totalmente a possibilidade de erro. Pois eu ainda não sei perfeitamente para que parte dessa terra, que é seguramente a única bem aventurada, devo dirigir-me a atracar. O que tenho de sólido, se sinto-me ainda cambalear e hesitar sobre a questão da alma?¹²

Em busca dessa vida feliz, a Filosofia, aos poucos, demonstra a Boécio que ‘a inconstante fortuna nada mais é do que o sinal que anuncia a ruína’¹³

e é obstáculo para que alcancemos o porto da Sabedoria. Guiados por ela – a Fortuna, ao sabor dos seus caprichos, certamente ficaríamos à deriva. Assim, no Livro II, a Filosofia coloca-se no lugar da Fortuna e passará a demonstrar que ‘a riqueza, as honras e os outros bens são de propriedade dela’ e que ‘esses bens estão sob as minhas ordens e me reconhecem como rainha; eles chegam ao mesmo tempo que eu e partem quando me vou’¹⁴.

Boécio aí reconhece o mel da Retórica e da Música, cujas palavras ‘encantam no momento em que se as ouve’ mas não o suficiente para aplacar sua tristeza e sentimento de profunda infelicidade. Hora então de remédios mais fortes:

eu te darei os remédios capazes de agir em profundidade quando chegar o momento[...] Entrementes, para que não te lastimes de novo, vou recordar tua importância e a magnitude de tua felicidade¹⁵.

Essa admirável narrativa percorre a trilha agostiniana. A felicidade não estaria na posse dos bens perecíveis. E ainda que não pudessem ser perdidos, não seriam suficientes para satisfazer os desejos humanos. Sempre se tem a necessidade de algo mais. Interroga Agostinho em *De Beata Vita*:

Ora, se alguém dispusesse da abundância de todos esses bens e estivesse cercado dele, e viesse a estabelecer um limite àquilo que deseja, de maneira decente, desfrutando contente e alegre daquilo de que dispõe, não te parece feliz?¹⁶

A conclusão boeciana parece ser de matriz agostiniana. Na mesma obra lê-se:

Portanto, de modo algum duvidamos que alguém decidido a ser feliz deve tentar alcançar algo que seja perene, que não possa ser-lhe roubado

¹² Agostinho 2014, 1,5.

¹³ Boécio 1998, II, 1.

¹⁴ Boécio 1998, II, 3.

¹⁵ Boécio 1998, II,5.

¹⁶ Agostinho 2014, 2, 11.

por algum tipo de acaso incontrolado¹⁷.

Dando razão à Filosofia, que Boécio chama de “mãe nutriz” mas ainda queixando-se de seus infortúnios a Filosofia força-o a lembrar os felizes acontecimentos de sua vida, do prestígio dos seus familiares, das boas coisas que ele pode usufruir, sem deixar de chamar sua atenção para a questão mais importante:

Acaso existe algum homem que possua uma felicidade tão perfeita que não se queixe de algo? A felicidade terrestre traz sempre preocupações e, além de nunca ser completa, sempre tem um termo¹⁸.

Aqui mais uma vez ressoa a voz de Agostinho no texto de Boécio. Se a felicidade não pode estar na posse dos bens terrenos, efêmeros, ‘por que então, ó mortais, buscais fora de vós mesmos o que se encontra dentro de vós? O erro e a ignorância vos cegam’¹⁹. Daí pode-se concluir que a suprema felicidade está para além da Fortuna, independe dela. Num lugar onde a Fortuna não alcança, expressos perfeitamente nos versos de Boécio:

Não te esqueças de construir tua casa
Sobre a pedra sólida.
O vento poderá soprar a qualquer hora
E agitar a superfície do mar;
Feliz de estar ao abrigo
Dentro de tuas quatro paredes,
Tu usufruirás de dias amenos
E zombarás da fúria dos climas²⁰

Reiteradas e inúmeras vezes Agostinho, pensador da interioridade, também fez essa chamada: ‘Rápido, voltei-me por inteiro para mim mesmo’²¹.

Em *De Beata Vita* Agostinho narra a história de Sérgio Orata (95-140aC), homem habilidoso na construção de termas, fabulosamente rico mas não necessariamente feliz:

um homem muito rico, extremamente agradável e encantador, a quem jamais nada faltou daquilo que desejasse, nem beleza nem saúde boa e perfeita [...] dispunha em abundância de propriedades rentáveis e amigos que lhe proporcionavam toda alegria que quisesse. Desses bens soube lançar mão com maestria em prol da saúde do corpo [...] todos os seus projetos e vontades resultavam em resultados prósperos.

¹⁷ Agostinho 2014, 2, 11.

¹⁸ Boécio 1998, II, 7.

¹⁹ Boécio 1998, II, 7.

²⁰ Boécio 1998, II, 8.

²¹ Agostinho 2007, II, ii, 5.

Alguém de vós poderá objetar, porém, que ele poderia querer ter mais do que possui. Parece-vos que ele seria indigente de alguma coisa? ²²

A partir desse exemplo podemos encontrar uma das chaves para questão tão intrincada. Abundância de bens não é igual à felicidade. A abundância, nesse caso, traduzir-se-á em indigência. Para repetir Agostinho:

A sabedoria é a vida feliz, a estultícia é a mais alta indigência [...] ‘A indigência consiste em não ter e não no temor de vir a perder aquilo que possuiis. Mas este [Orato] era miserável ‘porque temia, muito embora não sofresse indigência’²³.

Embora esse exemplo não esteja explicitamente citado no Livro II de *De Philosophiae Consolatione* claro fica a direta correlação entre autores. Com remédios mais fortes ainda²⁴, e isso parece ser um aprofundamento da questão, a Filosofia fará uma longa preleção sobre nossas indigências e essa estranha felicidade proporcionada pelos bens terrestres.

Nessa altura, Boécio já dera conta da precariedade das honras, do poder, dos cargos públicos, da fama, enfim de tudo aquilo que a Fortuna se nos apresenta como felicidade ao mesmo tempo que nos obscurece a visão. Boécio – a Filosofia – não poupa palavras e declara:

assim é a natureza humana: superior a todo o resto da criação quando usa de suas faculdades racionais, mas da mais baixa condição quando cessa de ser realmente o que é. Nos animais, essa ignorância de si mesmos é inerente à sua natureza; no homem, é uma degradação²⁵.

Agostinho? Não. Na prisão Boécio não dispunha de biblioteca. Dispunha apenas e tão somente de sua “biblioteca interior”, sua memória-receptáculo (onde estavam Platão, Sócrates, Epicuro, Agostinho...) e sua memória-viagem a nos mostrar que a vida feliz só é alcançada quando compreendemos que ‘a medida do espírito é a sabedoria’²⁶.

Perdida essa medida, perdida está a felicidade. E onde estará essa medida? Como alcançá-la?

Mais uma vez, e para terminar, encontramos uma conjunção de vozes. Nos

²² Agostinho 2014, 4, 26.

²³ Agostinho 2014, 4, 29.

²⁴ Boécio 1998, II, 9: ‘Mas, uma vez que meus raciocínios já começaram a apaciar tua miséria, gostaria de passar a usar de remédios mais fortes.’

²⁵ Boécio 1998, II, 9.

²⁶ Agostinho 2014, 4, 31.

versos que encerram o Livro II reconhecemos Agostinho mas também Cle-
anto, Platão, Plotino...

Oxalá o Universo, numa perfeita concórdia,
Conheça as variações harmoniosas,
E os elementos em disputa
Obsevem um pacto perpétuo [...]
Pois é também o Amor que sustenta os povos
Unidos por um pacto inviolável.
É ele quem reforça os laços sagrados
Do casamento por relações virtuosas;
É ele também quem dita as leis
Aos seus fiéis companheiros.
Bem-aventurado será o gênero humano
Se seu coração obedecer ao Amor,
O mesmo a quem o próprio Céu estrelado obedece²⁷.

Certamente, o cumprimento dessa *ordo amoris* demanda aprendizagem. E
prática também. Para Agostinho é a dialética que proporciona a metodologia
para ensinar e aprender, ela dá certeza ao saber, pois

uma vez que muitos homens estúpidos não seguem as coisas que lhes
são aconselhadas com retidão, utilidade e honestidade, nem perce-
bem a própria verdade sinceríssima que poucos espíritos vêem, mas
seguem os próprios sentimentos e hábitos, era oportuno não somente
ensinar-lhes o quanto eles podiam aprender, mas sim e principalmente
estimulá-los à prática²⁸.

Boécio, leitor de Agostinho, aprendeu a contemplar estrelas. E continua a nos
ensinar que é possível alcançá-las.

²⁷ Boécio 1998, II, 9.

²⁸ Agostinho 2008, II, XIII, 38.

Bibliografia

Boécio. *A consolação da Filosofia*. Tradução Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998

Fumaroli, Marc. Prefácio. In: Boécio. *A consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. VII-XXXVII.

Santo Agostinho. *Confissões*, 9. ed. trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 1988. 367 p.

Santo Agostinho. *Contra os acadêmicos*. Tradução Nair Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2007

Santo Agostinho. *Sobre a Vida Feliz*. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2014

Santo Agostinho. *A ordem*. Tradução Frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. p. 151-252(Patrística)

Santos, Bento Silva. Introdução. In: Santo Agostinho. *A ordem*. Tradução Frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008, p. 151-158 (Patrística)